

EMPREGO DA INTELIGÊNCIA MILITAR NAS OPERAÇÕES DE NÍVEL TÁTICO

Coronel William Wilson Alexandre Rueda

O Coronel de Artilharia Rueda serve no Gabinete do Comandante do Exército e exerce a função de Chefe da Seção de Doutrina de Inteligência. Declarado aspirante a oficial em 1989, foi oficial de Inteligência (S2) do 8º GAC Pqdt e E2 da 18ª Bda Inf Fron. Realizou o Curso Superior de Inteligência na Escola de Inteligência Militar do Exército (EsIMEx) e foi analista de Inteligência do Centro de Inteligência do Exército. Comandou o 26º Grupo de Artilharia de Campanha, sediado em Guarapuava/PR. (celrueda@outlook.com)



Quando o Estado de Israel deu início à Operação “Limite Protetor” a fim de invadir a Faixa de Gaza [1], por terra, na noite de 16 de julho de 2014, já decorriam cerca de dez dias de hostilidades entre as forças de defesa de Israel e as milícias do Hamas e da *Jihad* Islâmica. Durante esse período, a resposta israelense aos ataques de extremistas se restringira ao bombardeio aéreo de alvos de alto valor estratégico.

Israel tinha a percepção, desde o início dos combates, de que uma operação terrestre seria praticamente inevitável, mas sabia também que precisava de tempo para atualizar seus conhecimentos correntes sobre a área de operações e as forças oponentes.

Com o objetivo de proteger a sua população e de dar um duro golpe na estrutura militar do Hamas, o Exército Israelense teria que enfrentar a complexidade de uma guerra em ambiente urbano, superar o profundo conhecimento do terreno por parte das milícias e estabelecer objetivos decisivos alcançáveis em curto período de tempo, a fim de evitar pesadas baixas em suas tropas. Em suma, o Exército Israelense precisava que sua inteligência militar concluísse as operações que estava realizando e fornecesse a consciência situacional necessária para

que o comando pudesse avaliar ameaças, oportunidades e finalizar planos e ordens operativas.

Essa operação militar ilustra como a inteligência militar é uma peça fundamental do processo decisório do comandante tático. Constatação, aliás, que não é nenhuma novidade, uma vez que é conhecida desde o século V a.C., quando o general chinês Sun Tzu [2] declarou: “Aquele que conhece o inimigo e a si mesmo lutará cem batalhas sem perigo de derrota”, destacando a imprescindibilidade da inteligência nas operações.

Os atuais planejamentos militares da força terrestre (F Ter) enfocam a elaboração de linhas de ação que possibilitem o melhor desdobramento das tropas disponíveis e seu emprego, baseando-se nos meios disponíveis e em um estudo do terreno realizado na carta. As reais possibilidades do inimigo e a identificação de alvos compensadores são pouco exploradas.

Aqui cabem algumas reflexões iniciais que guiarão nossos raciocínios ao longo deste artigo. Nas nossas escolas militares, cartas de situação, ordens de batalha e calcos inimigos são normalmente fornecidos com a documentação necessária para o planejamento da manobra. Isso acaba por criar uma percepção de que alguém irá fornecer os conhecimentos quando forem necessários. Mas quem fará isso? Como? Quando? A resposta a essas perguntas é unânime: a inteligência! Mas quais estruturas de inteligência? Quantas vezes já planejamos e empregamos meios pessoais e materiais militares com o único propósito de levantar dados e produzir conhecimentos destinados a apoiar o processo decisório tático em um exercício de adestramento?

O perfeito entendimento das capacidades da inteligência em operações, o emprego e a

sincronização de seus meios deveriam ser bem compreendidos desde já, a fim de se evitar perda valiosa de tempo e de energia, tentando desvendá-los, durante uma operação real.

Essa deficiência não é exclusividade nossa. Tanto o Exército dos Estados Unidos da América (EUA) quanto o de países europeus integrantes da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) sentiram dificuldades em empregar e integrar os seus meios de obtenção de dados no início das últimas guerras do Iraque e do Afeganistão. A atividade é complexa e necessita de orientação e adestramento continuado.

A inteligência militar, empregada como função de combate [3], é quem condiciona e delimita os planejamentos operativos formulados pelas equipes de operações em qualquer planejamento militar. É ela quem reduz incertezas, identifica oportunidades e propicia ao comandante tático uma visão realista das forças antagônicas e do ambiente operacional complexo e extremamente mutável da atualidade.

Antes de conduzirmos uma reflexão acerca do tema deste artigo, é importante apontarmos que cientificamente o termo inteligência, segundo autores clássicos como o norte-americano Sherman Kent [4], pode ser entendido segundo três diferentes acepções: organização, atividade e conhecimento.

Como organização, é um conjunto de recursos materiais e humanos especializados. Como atividade, é um método científico de trabalho. Como conhecimento, é o resultado do processo de obtenção, análise e integração de dados acerca de forças e de áreas de operação. Neste artigo, discorreremos acerca dessas três vertentes de interpretação da inteligência.

INTELIGÊNCIA MILITAR COMO ORGANIZAÇÃO

A inteligência militar necessita de uma estrutura física e humana que lhe permita executar processos de trabalho que levem à produção dos conhecimentos de inteligência que atendam às necessidades de conhecer do comandante tático e de seu estado-maior

(EM).

Exércitos de países amigos [5] encontraram diferentes soluções para essa questão, mas podemos observar que, de modo geral, as estruturas militares voltadas para a atividade de inteligência foram distribuídas pelos ambientes de comando e controle, análise e obtenção de dados.

A F Ter brasileira adotou modelo semelhante. Com a criação dos batalhões de inteligência militar (BIM), ficou bem caracterizada essa estrutura articulada.

Pela nova doutrina de emprego da força terrestre componente (FTC) [6], as seções do EM são normalmente desdobradas em células que, em conjunto, compõem o centro de coordenação de operações (CCOp). Essas células, por sua vez, são funcionais ou de integração. As células funcionais reúnem pessoal e equipamento por função de combate, ao passo que as células de integração trabalham com diferentes horizontes temporais de planejamento.

Dentre as células funcionais, temos a célula de inteligência, responsável por manter o comandante tático e seu EM permanentemente atualizados acerca do inimigo, do terreno, das condições meteorológicas e das considerações civis, além de orientar todo o processo de obtenção e análise de dados e de elaborar o anexo de inteligência da ordem de operações da FTC.

A companhia de análise do BIM mobiliza a célula de inteligência, operando no ambiente de comando e controle. Dotada de pessoal e material especializados, essa companhia permite ao chefe da 2ª Seção - Inteligência (E2) realizar de forma efetiva o exame de situação de inteligência e de contrainteligência, e participar ativamente do planejamento da operação militar.

Empregada como foi concebida, a companhia de análise poderá suprir uma deficiência que há muito se observava nos planejamentos táticos da F Ter, por insuficiência de recursos humanos e materiais especializados. Ela possibilitará a execução continuada do processo cíclico de caráter gráfico de integração do terreno, das

CÉLULA DE INTEGRAÇÃO DE OPERAÇÕES CORRENTES

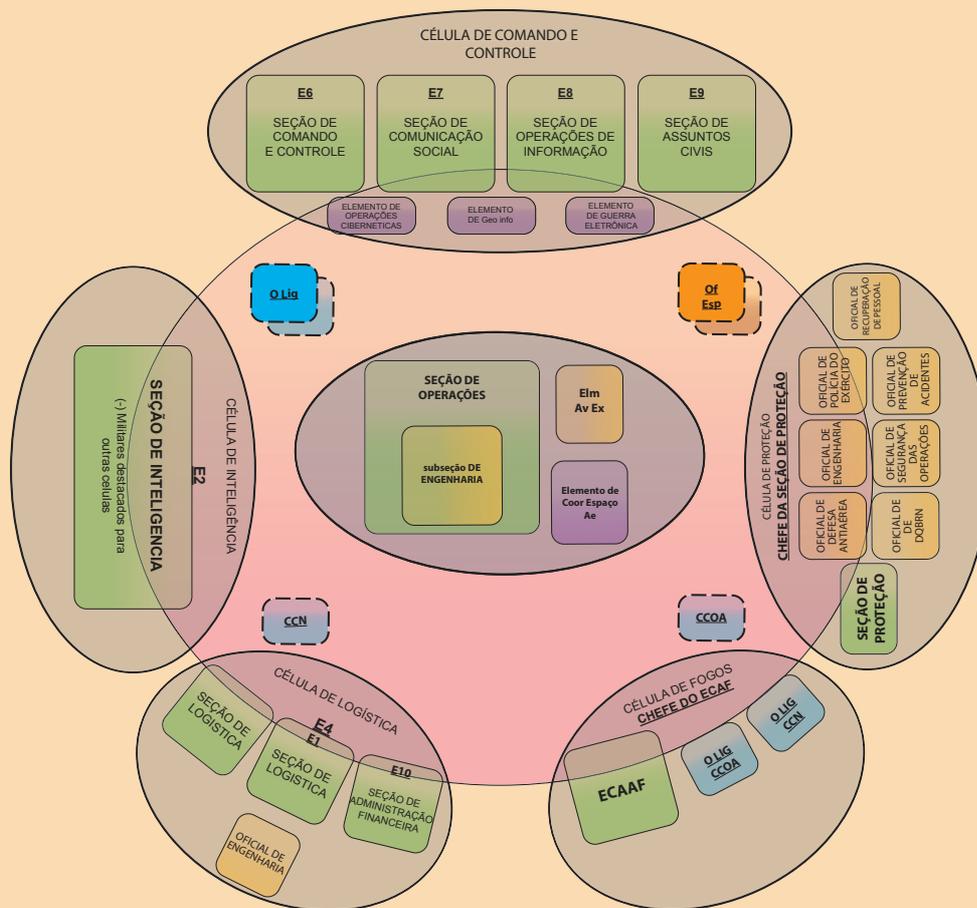


Fig 4-10 "Célula de Integração de Operações Correntes" do Manual de Campanha EB20-MC-10.202 FORÇA TERRESTRE COMPONENTE, 1ª Edição, 2014.

condições meteorológicas, do inimigo e das considerações civis.

Outra característica relevante da célula de inteligência é a possibilidade que possui de identificar e integrar as necessidades de conhecer da FTC, elaborando planos de obtenção de dados a serem executados pelos diversos sistemas presentes na operação, como os de guerra eletrônica, cibernética, imagens, reconhecimento e outros.

No ambiente de obtenção, as estruturas de inteligência são vocacionadas para a busca do dado negado da força adversa. O BIM, com suas companhias de sensores de fontes humanas e tecnológicas, tem capacidade de operar nas dimensões física e informacional, de forma episódica e pontual. Entretanto,

tanto os meios orgânicos (BIM) quanto os não orgânicos [Batalhão de Guerra Eletrônica (BGE), Regimento de Cavalaria Mecanizado (RC Mec), Batalhão de Infantaria Mecanizado (BI Mec), Bateria de Busca de Alvos (Bia BA) e outros] colaboram com o esforço de levantamento dos dados de interesse do comandante tático.

O BIM atua com a maioria dos seus meios nesse ambiente. As necessidades de conhecer levantadas no ambiente de comando e controle chegam ao BIM e este se organiza e planeja suas operações militares especificamente para atendê-las.

Por fim, a inteligência militar opera no ambiente de análise. É aí que as estruturas são configuradas para permitir o recebimento de

dados brutos [7], ou meramente processados, que foram levantados pelos sensores nas diferentes fontes – humanas, imagens, sinais e cibernética – integrando-os e analisando-os de forma racional e lógica, segundo uma metodologia própria de trabalho, produzindo-se os conhecimentos de inteligência solicitados pelo decisor.

Por fim, a companhia de análise do BIM possui uma segunda estrutura com capacidade de desdobrar uma central de inteligência, órgão voltado apenas para a produção de conhecimentos de inteligência. A central de inteligência atua em proveito direto da célula de inteligência da FTC, seguindo sua orientação e direcionamento, mas não se confunde com ela. É uma estrutura própria e especializada.

INTELIGÊNCIA MILITAR COMO ATIVIDADE

Ao abordarmos a inteligência militar sob

a perspectiva da atividade, voltamos nossas mentes para a sua metodologia de atuação.

A natureza do método de trabalho da atividade de inteligência é decorrente do pensamento do filósofo francês René Descartes [8] que propôs se chegar à verdade por meio da dúvida sistemática e da decomposição de um problema em pequenas partes, ainda no século XVII. Esse processo é a espinha dorsal da metodologia da pesquisa científica, amplamente utilizado e preconizado pela cátedra. O pesquisador Charles Darwin [9] corroborou com sua adoção ao afirmar que “... ciência consiste em agrupar fatos para que leis gerais ou conclusões possam ser tiradas deles”.

O método cartesiano é o fundamento do processo de planejamento militar e da própria formação dos militares. Ao ser empregado pela atividade de inteligência militar, recebe a denominação de ciclo de inteligência, devido ao fato de ser ordenado, sequencial e cíclico.



Esse método busca uma representação confiável, consistente e não arbitrária de um fenômeno de natureza militar. Como reflexão adicional acerca da sua natureza, é relevante apontar que há uma escola de pensamento, que tem nos norte-americanos David Brooks [10] e Austin Bay [11] destacados defensores, que entende que o processo de produção do conhecimento deve ser encarado como uma arte, valorizando-se a experiência, a intuição e a impressão do analista, em detrimento de uma abordagem cientificista, como exposto acima.

Entendemos que é inquestionável a relevância da experiência e da intuição do analista, mas esse não pode prescindir de um roteiro mental que lhe permita interpretar os dados e elaborar um produto intelectual consistente, que atenda às expectativas do decisor com a oportunidade devida. O elemento arte funciona como elemento de apoio e agregação de valor ao processo científico, que tem o mérito de dar racionalidade ao processo.

O ciclo de inteligência possui quatro fases: orientação, obtenção, produção e difusão. Para que essas fases tenham vida, estruturas próprias foram concebidas. Essas estruturas operam de modo sincronizado e possuem meios humanos e materiais especializados, além de um sistema de comunicação que as interliga de forma segura.

Quando a F Ter inicia o planejamento de uma operação militar, o seu conhecimento da situação é insuficiente. Para que a operação militar ocorra de maneira eficaz e em condições adequadas de segurança, a FTC necessita conhecer os aspectos militares, geográficos, políticos e econômicos da área onde vai operar. Entretanto, isso também não é suficiente! Ainda deve ser aprofundado o conhecimento acerca das características

dos seus habitantes - história, tradição, religião professada, necessidades materiais, principais problemas enfrentados no dia-a-dia, ideologia dominante e outros. Nenhuma decisão tática pode ser tomada sem se saber aonde ir e o que será encontrado ali.

No nível tático, o que interessa ao comandante da FTC é saber o que se passa do outro lado da colina [12]. Não são analisados os oponentes em seu conjunto, mas sim as pessoas concretas que desenvolvem determinada ação. O conhecimento mais valioso é o relativo às técnicas e aos procedimentos do inimigo. Há a necessidade de priorizar o que conhecer, uma vez que os meios de obtenção e de análise não são suficientes para atender a todas as demandas do EM. O sistema de inteligência prioriza as necessidades de conhecer e carrega seus meios para as prioridades mais altas.

Na fase de orientação são definidas e priorizadas as necessidades de inteligência, ocorrendo no CCOp/FTC, que é o órgão responsável pelo exame de situação.

As demandas do comandante tático orientam o funcionamento do ciclo de inteligência.

Os dados a serem levantados são registrados em um documento confeccionado pela célula de inteligência denominado plano de obtenção de conhecimentos (POC). Esse plano consolida os elementos essenciais de inteligência (EEI) e orienta os planejamentos das operações de inteligência, de reconhecimento e de vigilância. Dessa forma, são levantados apenas os dados que foram apontados pelo CCOp como prioritários.

Na fase de obtenção, todos os meios materiais e pessoais disponíveis são mobilizados para o levantamento do maior número possível de dados relativos a essas necessidades. Nessa fase são levantados

A inteligência militar integra e analisa, segundo uma metodologia própria de trabalho, os dados levantados pelos sensores das diferentes fontes – humanas, imagens, sinais e cibernética, produzindo os conhecimentos de inteligência solicitados pelo decisor.

dados em estado bruto pelos sensores humanos e tecnológicos, orgânicos ou não, da inteligência.

Devemos destacar que todos os EEI identificados no CCOp são trabalhados pela célula de inteligência e não apenas aqueles levantados pelo E2 ou pelo chefe da 3ª Seção - Operações (E3), que é o oficial de operações. Os conhecimentos de inteligência necessários para o planejamento e a condução das operações de informação (Op Info) [13], por exemplo, são requisitados para a célula de inteligência, que os consolida no POC e aciona os meios de obtenção e análise. Recebidos os conhecimentos produzidos pela central de inteligência, encaminha-os para a seção de operações de informação (E8) a fim de que as Op Info possam ser empreendidas.

A tropa regular que opera na área de interesse da inteligência tem acesso a dados relevantes, fruto do contato físico ou visual com a força adversa ou do reconhecimento de vias e regiões importantes. Esses dados de natureza essencialmente operacional não podem deixar de fluir para o sistema de inteligência, donde nasceu o princípio de que todo soldado é um sensor, advindo a possibilidade de a inteligência receber esses dados. Da operacionalização desse princípio, de forma integrada à necessidade de serem levantados alvos de grande prioridade nos

planejamentos da FTC, nasceu o conceito IRVA (inteligência, reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos), que amplia o número de atores participantes do processo de obtenção de dados para todos os participantes da operação militar.

Na fase de produção, os dados obtidos são submetidos a uma técnica de avaliação, decomposição em frações significativas e integração, método que possibilita a produção dos conhecimentos de inteligência que atendam às necessidades de conhecer do comandante tático.

A companhia de análise é a responsável pela materialização da fase de produção, o que ocorre por meio de uma estrutura que se desdobra como uma central de inteligência, mobiliada por analistas de inteligência de diferentes especializações.

A central de inteligência responde pelo processo de análise e integração de dados, o que exige amadurecimento intelectual e experiência do seu pessoal, em particular do analista integrador. O analista principiante normalmente encontra dificuldade para se manter imune ao senso comum, às perspectivas tendenciosas de sistemas e organizações, ou a querer encontrar o “pulo do gato” que o levaria a “levantar o véu” das incertezas por pura intuição.

Antes de prosseguirmos em nossas



A central de inteligência responde pelo processo de análise e integração de dados.

reflexões acerca do processo de análise de inteligência, devemos ter consciência plena do que realmente esperar dessa análise. O modelo médico tem sido proposto por estudiosos norte-americanos, como Josh Kerbel [14], ex-integrante da Agência Central de Inteligência dos EUA (CIA), para o entendimento do que é uma análise de inteligência, uma vez que ela, e o diagnóstico médico, possuem muitas similitudes. Essas semelhanças ficam bem caracterizadas quando compreendemos que ninguém espera que um médico preveja com precisão e certeza a ocorrência do acidente vascular cerebral (AVC) de um paciente. Acredita-se que um médico possa ajudar seu paciente a identificar fatores de risco e condições que possam contribuir para a sua ocorrência e formular meios de minimizá-la. Com a análise de inteligência se deve ter consciência de que ocorre exatamente o mesmo. O analista não tem como adivinhar o futuro, uma vez que os atores adversários são donos de suas vontades, mas pode identificar tendências e as mais prováveis linhas de ação inimigas.

A central de inteligência também monitora o grau de confiabilidade e certeza dos dados recebidos e confronta-os com o POC, acionando os órgãos responsáveis pelo seu cumprimento, caso os dados não estejam alinhados com os resultados desejados. A lógica aqui é a de que quanto mais próximo se está de um problema, maior é a compreensão e a capacidade de se concentrar na sua solução.

O processo executado pela central de inteligência permite que esta se interligue aos órgãos de obtenção e ao CCOp/FTC, o que a torna um elemento de união das estruturas que integram o sistema.

Por fim, na fase de difusão, os conhecimentos elaborados pela central de inteligência são distribuídos para o comandante tático, que é o principal consumidor dos seus produtos, e para outros órgãos que tenham interesse em recebê-los.

O processo e os meios que são empregados nesta fase devem possibilitar o tráfego de conhecimentos de modo seguro e eficiente, evitando o vazamento de informações

sensíveis ou a entrega de produtos quando já perderam a oportunidade de serem utilizados.

INTELIGÊNCIA MILITAR COMO CONHECIMENTO

Nessa fase de nossas reflexões, enfocaremos a inteligência sob a perspectiva dos seus produtos, os conhecimentos de inteligência.

Como ponto de partida, vamos recorrer a um dos analistas de inteligência mais respeitados e cujo pensamento influenciou profundamente a estruturação da inteligência moderna – Washington Platt [15]. Sua obra, consistente e bem fundamentada, é uma referência para quem estuda a atividade.

Platt destaca um aspecto do conhecimento de inteligência - o da utilidade - sobre o qual gostaria de tecer algumas considerações. Segundo esse autor:

Muitas vezes é preciso sacrificar um pouco do desejo de produzir um documento complexo e exato, em favor da oportunidade. O ser feito a tempo tem, geralmente, prioridade muito maior nas informações do que nos trabalhos de pura erudição. Esse, bem como outros princípios, avulta com enorme clareza nas informações de combate. A ordem de ataque da divisão contém sempre um item destinado às informações sobre o inimigo. Evidentemente, a menor informação em poder do E2, alçando os batalhões empenhados antes do ataque, vale mais que uma carta completa das posições inimigas entregue após a ação.

A utilidade do conhecimento de inteligência está intrinsecamente ligada ao momento de sua difusão, podendo implicar em tempo reduzido para a prospecção de dados, em um levantamento quantitativo e qualitativo não ideal, ou na impossibilidade de sua confirmação por fontes variadas. O recebimento oportuno do conhecimento é que possibilitará ao comandante tático organizar suas forças e fazer frente às ameaças correntes, o que cresce de importância em um ambiente dinâmico como o das operações militares.

Feitas essas considerações iniciais,

podemos entender melhor algumas características dos conhecimentos de inteligência destinados a apoiar as operações militares. Essas peculiaridades nos permitem diferenciá-los daqueles produzidos para utilização no nível estratégico, onde há acentuado enfoque analítico e/ou preditivo, devido à maior disponibilidade de tempo para a elaboração de planos de ação.

O nível tático é aquele em que ocorrem as operações militares propriamente ditas, onde a tropa entra em contato com o inimigo ou a força adversa. Ambiente fluido e volátil, altera-se rapidamente, exigindo do comando decisões rápidas, uma vez que o conhecimento produzido se degrada em um período de tempo muito curto.

A função de combate inteligência precisa fornecer produtos que sejam assimilados rapidamente pelos membros do estado-maior e que possam ser integrados ao planejamento



Os dados obtidos são integrados ao planejamento.

tático a cargo principalmente do E3 e do chefe da 5ª Seção - Planejamento (E5), de modo natural e imediato. A forma mais eficiente de atender a essas particularidades é elaborar conhecimentos que tenham por suporte imagens das áreas de operações e de interesse da inteligência.

O acesso ao sistema de imagem geográfica (SIG) [16] da F Ter e o uso de ferramentas computacionais especializadas possibilitam a manipulação de dados oriundos de diferentes fontes, permitindo a realização de análises complexas, com a combinação e o cruzamento de uma série desses dados. Os analistas

de inteligência alimentam as camadas georreferenciadas básicas fornecidas pelo SIG com os conhecimentos produzidos, criando camadas temáticas ricas em detalhes e de utilização intuitiva.

O conhecimento incorporado a essa cartografia digitalizada reduz a incerteza relativa à localização de unidades, instalações, sistemas de armas, postos de observação adversários, pontos críticos do terreno e outros. Por meio de um simples clique do *mouse*, uma grande quantidade de informações é apresentada em uma tela ou monitor.

As camadas georreferenciadas temáticas do terreno, das condições meteorológicas, do inimigo e das considerações civis são atualizadas permanentemente pelos diversos analistas que integram a central de inteligência, mantendo a melhor consciência situacional possível. A rapidez da atualização dos conhecimentos permite a identificação de padrões de eventos ou a detecção da movimentação de tropas ou de forças oponentes, reduzindo a possibilidade de nossas forças serem surpreendidas.

A célula de proteção, em seu planejamento voltado para a segurança das operações, também utiliza esses conhecimentos de inteligência como uma eficiente ferramenta de trabalho por permitirem a realização de sobrevoos virtuais sobre faixas do terreno, a visualização de estradas, ruas, vielas, becos e a identificação de ameaças e riscos intrínsecos. Esses sobrevoos virtuais contribuem com a escolha de rotas e vias de acesso mais seguras.

Sobre o conhecimento de inteligência cartográfico é aplicada a metodologia do PITCIC e é realizado o exame de situação na célula de inteligência do CCoP da FTC.

PITCIC é o acrônimo formado pela inclusão das considerações civis ao tradicional processo gráfico de integração do terreno, das condições meteorológicas e do inimigo, pelo Manual EB20-MF-10.103 Operações - 4ª edição - 2014 [17], devido à adoção pela F Ter do conceito operativo operações no amplo espectro [18].

O exame de situação é todo baseado nesse conhecimento de inteligência, possibilitando

a formulação de linhas de ação, levantamento de possibilidades do inimigo e emissão de ordens de operações. O trabalho de estado-maior é facilitado ainda pela possibilidade de visualização do dispositivo inimigo, das vias de transporte, das áreas com restrições de mobilidade, de escolas e hospitais, de locais de homizio de terroristas, lideranças, forças oponentes e outros.

Da inclusão das considerações civis ao exame de situação de inteligência decorre a necessidade do desenvolvimento de nova especialização para os analistas. Essa expertise se mostra oportuna e necessária quando verificamos que a F Ter tem sido empregada sistematicamente nos últimos anos em operações de não guerra, em ambiente urbano, em meio à população civil. Isso tem refletido significativamente na composição dos meios, na natureza da tropa e no armamento utilizado.

A preocupação acentuada de se evitar baixas de cidadãos presentes no ambiente de operações tem alterado os métodos de emprego da tropa e estimulado a busca por uma letalidade seletiva cada vez mais eficaz do armamento empregado, visando a evitar os indesejados impactos negativos

dos denominados efeitos colaterais. Além da presença cada vez mais maciça dos órgãos de mídia nas áreas de operações, a tecnologia tem possibilitado a produção de vídeos e a sua divulgação em tempo quase real, muitas vezes fora de contexto, distorcendo fatos e motivações. Essas preocupações têm ampliado a importância que a inteligência deve dar à produção de conhecimentos acerca das considerações civis durante as operações.

Em uma força de combate tática, as estruturas de inteligência são tradicionalmente preparadas para apoiar as operações militares por meio de uma avaliação do inimigo e de um levantamento de suas intenções. Em operações como as realizadas no Complexo da Maré e no Complexo do Alemão, o comandante tático precisa de outros tipos de conhecimentos de inteligência, como o horário de escolas, a possível corrupção de agentes públicos e a dinâmica do tráfico de drogas na região. A função de combate inteligência tem o desafio de identificar quais perguntas são verdadeiramente relevantes [19]. Tem que realizar questionamentos táticos, deixando as indagações estratégicas para outras estruturas do sistema.



CONCLUSÃO

A inteligência militar possui um papel capital no processo de planejamento e de condução das operações, particularmente naquelas conduzidas no nível tático. As deficiências estruturais da F Ter para emprego da função de combate inteligência têm sido equacionadas com a criação de novas estruturas operacionais, como o batalhão de inteligência militar, que mobilia a seção de inteligência do estado-maior da FTC com pessoal e material especializados, capaz de executar eficientemente o ciclo de inteligência, além de possibilitar a obtenção de dados relevantes em fontes não humanas, como as de sinais, imagens e cibernética.

A elaboração de uma doutrina de emprego de inteligência adequada às operações no amplo espectro, o desenvolvimento de

processos de ensino que possibilitem a qualificação dos recursos humanos destinados a ocupar os cargos e as funções das estruturas idealizadas para dar vida à função de combate inteligência e a incorporação de moderna tecnologia de informação e comunicações (TIC) vão permitir o desenvolvimento de capacidades operativas em condições de contribuir, decisivamente, para a obtenção da desejada superioridade de informações.

Assim, a reestruturação da tradicional atividade de inteligência do Exército Brasileiro, que passa a dar tratamento privilegiado à função de combate inteligência, voltada essencialmente para as operações militares, atende à crescente necessidade de conhecimentos nos ambientes operacionais difusos da atualidade, instrumentalizando a F Ter para os desafios da era do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- [1] GOMES, Juan; RENGEL, Carmen. **Israel lança uma ofensiva terrestre contra a Faixa de Gaza**. El Pais, 2014. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/17/internacional/1405591793_022014.html>
- [2] TZU, Sun. **A arte da guerra**. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- [3] BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior do Exército. **Inteligência**. Brasília, DF, 2015.
- [4] KENT, Sherman. **Informações Estratégicas**. Trad. Hélio Freire. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1967.
- [5] ESPAÑOL, Ejército de Tierra. **Funciones de Combate – Inteligencia**. Granada/España, 2013.
- [6] BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior do Exército. **Força Terrestre Componente**. Brasília, DF, 2014.
- [7] Gen Div Flynn, Michael T.; Gen Bda Flynn, Charles A. **Integrando Inteligência e Informações: “Os dez pontos a serem considerados pelo Comandante”**. Kansas/EUA: Military Review, Edição brasileira, 2012.
- [8] DESCARTES, René. **Discurso do método**. Trad. João Cruz Costa. São Paulo: Ed de Ouro, 1970.
- [9] Wikipédia. **Método científico**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Método_científico>
- [10] BROOKS, David. **The C.I.A.: Method and Madness**. New York/EUA: The New York Times, 2004.
- [11] BAY, Austin. **Fixing Intelligence**. Washington/EUA: The Washington Times, 2005.
- [12] TARILONTE, Elena. **El valor de La Información**. Madrid/España: Revista Española de Defensa, 2012.
- [13] BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior do Exército. **Operações de Informação**. Brasília, DF, 2014.
- [14] KERBEL, Josh. Sem palavras: **a luta da Comunidade de Inteligência para encontrar a sua voz**. Kansas/EUA: Military Review, Edição brasileira, 2009.
- [15] PLATT, Washington. **Produção de Informações Estratégicas**. Trad. Álvaro Galvão Pereira e Heitor Aquino Ferreira. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1974.
- [16] BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior do Exército. **Geoinformação**. Brasília, DF, 2014.
- [17] _____. Ministério da Defesa. Estado-Maior do Exército. **Operações**. Brasília, DF, 2014.
- [18] _____. Ministério da Defesa. Estado-Maior do Exército. **Bases para a Transformação da Doutrina Militar Terrestre**. Brasília, DF, 2013.
- [19] SIEGEL, Adam B. **Os desafios da Inteligência durante Operações Cívico-Militares**. Kansas/EUA: Military Review, Edição brasileira, 2003.